

Polícia *versus* jagunços no Oeste do Paraná: os poemas de Joaquim Alves da Silva como memória dos conflitos agrários (1960-1970)

Police against bandits in Western Paraná: Joaquim Alves da Silva's poems as a memory of agrarian conflicts (1960-1970)

Claércio Ivan Schneider*


Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil

Recebido em: 14 abr. 2020.

Aprovado em: 16 jun. 2020.



* Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Colegiado de História. Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná; graduado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: claercios@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2361-8164>

 <http://lattes.cnpq.br/6497095485674185>

Resumo

Estudo centrado na análise da obra literária *Como era o Sudoeste e porque matei Joaquim Coelho*, do poeta e soldado da Polícia Militar Joaquim Alves da Silva. Esta fonte, ainda desconhecida da historiografia, configura um campo discursivo promissor para a investigação da história da criminalidade presente no oeste e sudoeste do Paraná nas décadas de 1960 e 1970. Busca-se compreender as representações que o narrador constrói em torno da ação da polícia no combate ao jaguncismo e ao banditismo, bem como analisar as informações que apresenta sobre os bandoleiros que agiam nestas regiões. Como resultado, a obra de Joaquim Alves da Silva contribui para a problematização da história produzida em torno da região, em especial por fornecer um contraponto à história oficial e a grande parte da historiografia, que difunde perspectivas harmônicas e escamoteia os conflitos, em especial os litígios de terras e a presença de jagunços.

Palavras-chave: Joaquim Alves da Silva. Oeste do Paraná. Polícia Militar. Jagunços.

Abstract

Study centered on the analysis of the literary work *Como era o Sudoeste e porque matei Joaquim Coelho*, of the poet and soldier of the Military Police Joaquim Alves da Silva. This source, still unknown to historiography, constitutes a promising discursive field for investigating the history of criminality present in the west and southwest of Paraná in the 1960s and 1970s. It seeks to understand the representations that the narrator builds around the police action in the fight against jaguncismo and banditismo, as well as to analyze the information that it presents on the bandits who acted in these regions. As a result, Joaquim Alves da Silva's work contributes to the problematization of the history produced around the region, in particular by providing a counterpoint to the official history and much of the historiography, which spreads harmonic perspectives and conceals conflicts, especially land disputes and the presence of bandits.

Keywords: Joaquim Alves da Silva. West of Paraná. Military Police. Bandits.

*Isso foi segunda-feira
Mais ou menos nove e meia
No entrar em Maripá
A coisa tornou-se feia
Ali estava o bandido
Querendo acertar-me o ouvido
Eu topei o atrevido
Travando grande peleia*

*No estalar das pipocas
A sua banha cabou
Já com dois tiros na cara
Joaquim Coelho fracassou
Me fitou indignado
Deu uma olhada de lado
Já bastante ensanguentado
Na poeira aterrissou*

*Esse foi o triste fim
De um bandido perigoso
Que a boa sociedade
Sempre foi pernicioso
Esse tipo deletério
Que deixou de ser mistério
Descansa no cemitério
Do seu ciclo vicioso*

*Se despede aqui o poeta
Da terra do vatapá
Que liquidou Joaquim Coelho
Lá na Vila Maripá
Eu escrevi sem malícia
O fato que foi notícia
Porém, comum a polícia
No oeste do Paraná.¹*

1. Sobre a especificidade da fonte: seu lugar na história da região

O poeta, “que liquidou Joaquim Coelho”, relata acima o seu protagonismo. Trabalhava como policial militar em Palotina, no Oeste do Paraná, na década de 1970. Ao pedido do delegado, dirigia-se à cidade de Toledo. Antes, fez parada em Maripá, então distrito de Palotina. Logo na entrada dá de cara com um de seus desafetos, Joaquim Carvalho da Costa, vulgo Joaquim Coelho. Naquela manhã, 20 de outubro, uma segunda-feira, o soldado Joaquim deu fim a um bandido afamado na região pelos crimes que cometia. No relato que produziu,

¹ SILVA, Joaquim Alves da. *Como era o sudoeste e porque matei Joaquim Coelho*. Pelotina, PR: J. S. Impressora Ltda. Tipografia e Offset, 1976, p. 23-34.

“sem malícia”, narra sua façanha e coloca-se na história. Atribui-se um heroísmo, na luta contra o mal e em defesa da boa sociedade. Mas esse heroísmo não é só seu, também o é de sua organização.

Neste artigo trago para reflexão as representações construídas pelo então soldado da Polícia Militar Joaquim Alves da Silva, na obra intitulada *Como era o Sudoeste e porque matei Joaquim Coelho*.² Trata-se de uma obra literária que se identifica a composições poéticas de cordel, cuja narrativa é construída na forma de versos e rimas, por meio do uso de uma linguagem informal a fim de retratar episódios históricos que identificam uma realidade social do qual participou. Publicado em 1976, pela J. S. Impressora Ltda. Tipografia e Offset, de Palotina/PR, nesta pequena obra de 24 páginas, Joaquim Alves da Silva – “o poeta da terra do vatapá” – relata a história da participação da Polícia Militar no enfrentamento dos jagunços no oeste do Paraná nas décadas de 1960 e 1970.

De uma forma geral, a obra literária de Silva se constitui enquanto narrativa épica em torno das ações da Polícia Militar no combate aos “criminosos” que tumultuavam o ambiente social no oeste e no sudoeste do Paraná no período de sua ocupação e povoamento sistemático. Potencializa a participação destes, protagoniza-os enquanto personagens centrais da promoção da ordem e da “justiça”. Identifica e nomeia alguns militares e os heroíza por sua coragem e obstinação na defesa da paz pública. Além disso, a mesma obra também enobrece a ação de outro personagem, o próprio autor, que narra as suas ações – como destacado no início do texto – balizadas pela coragem e pela presteza no êxito que teve no assassinato a um dos bandidos mais afamados da região de Palotina, Joaquim Coelho. Uma obra, portanto, que tem o claro objetivo de dar visibilidade e glorificar a ação da Polícia Militar no enfrentamento aos criminosos, ressaltando que sem estes não existiria segurança pública no interior do Paraná.

Importante observar que Joaquim escreve e publica sua obra no contexto da ditadura militar. O poder está nas mãos dos militares. Embora em momento algum se refira ao comunismo ou aos comunistas, toca numa questão central aos governos do período – em escala regional e nacional – que são os levantes camponeses em torno do acesso e da posse legal da propriedade fundiária.³ No oeste e sudoeste do Paraná inúmeros conflitos agrários

² Nas pesquisas realizadas até o presente momento ainda não se identificou dados significativos em torno de Joaquim Alves da Silva. Na obra publicada encontra-se uma pequena descrição, ou dados bibliográficos, que dão pistas deste sujeito. Por estes dados se sabe que nasceu em 24 de setembro de 1939 no município de Caetité, Estado da Bahia. Que emigrou ao Paraná, provavelmente aos 9 anos, em companhia de seus pais, fugindo da seca que assolava o Nordeste. Estabeleceram-se Borrazópolis, cidade da comarca de Apucarana-Pr., onde frequentou escola e tornou-se professor. Nos dados ainda se informa que em 1968 foi orador de campanha política e que, em 1969, desgostoso com o prefeito que ajudou a eleger, abdica do magistério e assenta praça na Polícia Militar. Fez escola de formação de soldados no 6º. Batalhão Policial Militar do Paraná, sediado em Cascavel. SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 2.

³ A questão da atuação de empresas de colonização particulares, da justificativa que constroem em torno de seu empreendimento imobiliário como sendo de interesse público e social, na medida em que a divisão e comercialização de lotes significaria uma “reforma agrária”. Em sua dissertação, José Henrique Gonçalves evidencia que os projetos de colonização autorizados pelo governo representavam uma resposta aos levantes camponeses que reivindicavam a propriedade fundiária. GONÇALVES, José Henrique Rollo Gonçalves. *História Regional & Ideologias: em torno de algumas corografias políticas do norte paranaense – 1930/1980*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do

estavam ocorrendo desde a década de 1950.⁴ Embora Joaquim não nomeie os conflitos, opta por focar na ação repressora da polícia aos criminosos, os jagunços, muitos deles contratados por latifundiários. Não cabe ao soldado questionar as autoridades. Seu retrato busca mostrar que o uso da força militar estava em sintonia com a defesa dos valores cristãos e patrióticos de seu tempo, e isso já revela muita coisa, em especial se pensarmos nos sujeitos e nos discursos fundadores naturalizados em torno da região. Fez-se uso desta mesma justificativa “civilizatória” na defesa da colonização com imigrantes gaúchos que foram deslocados para cá a partir de intensa campanha publicitária.

Mesmo focada na atuação oficial da polícia, a obra de Joaquim Alves da Silva pode ser analisada e compreendida de outras formas. Pelo conteúdo que apresenta permite a interpretação de outros sentidos e informações, se interrogada. Ajuda a pensar, por exemplo, na formação e na ocupação do oeste do Paraná numa perspectiva que dá visibilidade à violência, à crueldade, à criminalidade e ao banditismo num contexto de colonização sistemática. Nesse sentido, a contribuição de Joaquim com seu relato é significativa na medida em que dá existência a fatos e histórias que colocam em cheque determinadas “certezas” sobre a formação territorial deste espaço. Descreve e apresenta uma região que gradativamente vai sendo dominada a partir da vitória da polícia contra o banditismo.⁵ Identifica lugares de confrontos, nomeia personagens que estiveram presentes. Evidencia uma região de conflito, de luta, como lugar de operações estratégicas da polícia. Atribui valor e sentido as ações da polícia, que julga civilizatórias, mas também da visibilidade aos jagunços e aos conflitos de terra que por estas bandas sempre existiram.

Este olhar crítico para com as contradições da formação fundiária no oeste paranaense sintetiza perspectiva que contrasta com o que parte da historiografia oficial já produziu em torno dessa região. Predominam visões e interpretações que identificam, em especial o oeste do Paraná, enquanto espaço harmônico de ocupação e de colonização. Interpretações que conferem um papel central ao trabalho desenvolvido pelas companhias colonizadoras e seus projetos de ocupação racional e sistemática, atribuindo aos seus dirigentes status de

Paraná, Curitiba. Cf., também: FREITAG, Liliane da C. *Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re) ocupação*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Franca (SP).

⁴ Significativa produção acadêmica, em especial pesquisas originadas de estudos de mestrado e de doutorado, tem surgido na contemporaneidade com a preocupação de investigar conflitos fundiários ocorridos em diferentes espaços regionais do Norte, Oeste e Sudoeste do Paraná. Cf.: PRIORI, Angelo *et al.* A revolta camponesa de Porecatu. In: *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Maringá, PR: Eduem, 2012; MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, posseiros e grileiros: conflitos de terra no Oeste paranaense (1961-66)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em História, Universidade Federal Fluminense e Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Niterói (RJ); CRESTANI, Leandro de Araújo. *Conflitos agrários e mercado de terras nas fronteiras do oeste do Paraná (1843/1960)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo (PR); KOLING, Paulo José. *A revolta de 1957 no sudoeste do Paraná: a luta pela terra entre memórias e comemorações*. Guarapuava, PR: Ed. Unicentro, 2018. Muitos destes estudos analisam processos criminais sem, no entanto, a preocupação de investigar a polícia, mas os discursos que caracterizaram os marginalizados – em especial os posseiros – e suas reivindicações.

⁵ Para pesquisas em torno do conceito de “bandido” e de “banditismo”, ver: HOBBSAWM, Eric. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010; e, FERRERAS, Norberto O. *Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina. História (São Paulo)*, Franca (SP), v. 22, n. 2, 2013.

civilizadores inquestionáveis.⁶ Os relatos de Joaquim configuram outras histórias e perspectivas que contrastam com as versões oficializadas, evidenciando um ambiente criminoso, inclusive a partir da atuação de empresa de colonização, como será visto.

Neste campo interpretativo da história regional, as disputas por sentidos e memórias são recorrentes para a caracterização do território e da população no oeste do Paraná. A perspectiva dominante faz entender este espaço a partir de algumas premissas que se tornaram verdades inquestionáveis, tais como: terra da promessa; celeiro do Paraná; imigrantes gaúchos – descendentes de alemães e italianos – como melhor tipo humano; pioneiros laboriosos; ambiente sem conflitos; colonização como exemplo de reforma agrária; valorização da tradição europeia, etc. As problematizações do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior em torno dos usos políticos e acadêmicos do conceito de região são fundamentais para esta pesquisa. Segundo ele, “a região dá um lugar político e epistêmico à historiografia regional e está dá um lugar a esta região no campo do saber e do poder”.⁷ Afirma que em grande parte da produção intelectual em torno da história regional:

a região aparece como um dado prévio, como um recorte espacial naturalizado, a-histórico, como um referente identitário que existiria per si, ora como um recorte dado pela natureza, ora como um recorte político-administrativo, ora como um recorte cultural, mas que parece não ser fruto de um dado processo histórico.⁸

Nesta linha interpretativa, que naturaliza a história, a região não é problematizada, na medida em que se constitui como um dado prévio. Albuquerque Júnior aponta para a necessidade dos historiadores investigarem a história da constituição de seus espaços regionais, dos acontecimentos que produziram seus limites, dos conflitos que foram determinantes, muitos deles ainda escamoteados por uma historiografia da região, em especial aquela promovida pelo poder público, que celebra apenas a memória dos vencedores. Ou seja, “a região é, em grande medida, fruto dos saberes, dos discursos que a constituíram e que a sustentam”.⁹ O espaço é defendido como lugar da imobilidade, o que garante a perpetuação das memórias oficiais por meio de sua celebração e monumentalização.

Para isso, pensando especificamente em tomar a constituição da região num problema, de buscar a sua historicidade, atentando ao papel da linguagem no estabelecimento e elaboração de sentidos e noções espaciais, que se busca com a fonte selecionada para este estudo, problematizar: Qual a visão de história que Joaquim Alves da Silva constrói em sua obra literária? Como seu relato caracteriza o espaço regional do Oeste e Sudoeste do Paraná?

⁶ Para entender como as empresas de colonização construíram e patrocinaram histórias que as tornaram protagonistas principais no oeste e sudoeste do Paraná, cf.: SCHNEIDER, Cláercio Ivan. *Os senhores da terra: produção de consensos na fronteira (Oeste do Paraná 1940-1960)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002. Além desta obra, consultar os livros patrocinados pelas prefeituras destas regiões, que replicam as mesmas perspectivas constituindo um consenso interpretativo em torno da ocupação do espaço por imigrantes, os “verdadeiros” pioneiros, por meio de projetos racionais de colonização executados pelas colonizadoras.

⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*, Dourados (MS), v. 10, n. 17, p. 55-67, jan.-jun. 2008, p. 56.

⁸ *Ibidem*, p. 55.

⁹ *Ibidem*, p. 59.

Quais sentidos e impressões são colocados em evidência? Quais histórias são apresentadas e de que forma elas se constituem enquanto registro oficial, na medida em que são escritas por um policial militar? Mesmo enquanto “documento” construído por um policial militar, de que forma pode servir para questionar as versões históricas que pouco tratam da violência, corroborando com o consenso que predomina e que confere à região um status de ambiente desprovido de conflitos? Busca-se, nesta linha analítica, empreender estudo crítico da construção discursiva em torno do oeste do Paraná, na tentativa de desnaturalizar a região, evidenciando outras histórias, ou histórias no plural. Nesse sentido, entende-se a formação e ocupação do espaço regional como ambiente de constantes afrontamentos políticos e lutas pelo poder, o que pode ser descortinado em partes pela obra de Joaquim Alves da Silva.

2. A escrita da história de Joaquim Alves da Silva: entre a história oficial e a história marginal

Logo na primeira página, na introdução à obra, Joaquim Alves da Silva revela sua posição social e o objetivo de seu intento literário: “Agora, quando me preparo para desligar-me das fileiras da Polícia Militar do Estado do Paraná, resolvi publicar esta modesta obra literária com o objetivo de transmitir ao povo em geral aquilo que vi, vivi e senti dentro desta organização”.¹⁰

Joaquim dá pistas importantes sobre sua posição social. É policial, já quase aposentado, que tem como preocupação transmitir ao povo, por meio de uma “modesta obra literária”, aquilo que viu, viveu e sentiu a partir de seu trabalho no combate ao crime dentro da organização da Polícia Militar do Paraná.¹¹ De imediato, coloca seu testemunho como evidência histórica do que entende ser a verdade, na medida em que atuou na região como profissional que, a partir de uma organização oficial, soube o que poucas pessoas comuns puderam saber. Nesta perspectiva, não se encontra na narrativa de Joaquim referências de leituras que possam contribuir para a interpretação de seu relato. O que narra é o que pôde observar, o que pôde presenciar e o que pôde sentir por meio de sua própria atuação. Continua Joaquim:

Esta modesta obra, repito, é um autêntico documento que relata um período crítico, um período de contrabando, um período de uma luta desesperada pela posse ilegal de terras na região oeste e sudoeste deste Estado. Dessas regiões, destaca-se com mais clarividência a região sudoeste, tendo como centro Cascavel, onde era intensa e frenética luta pelo contrabando de café para o Paraguai e de lá trazendo wisckys e drogas alucinógenas, tendo para tanto, no interior das matas onde é hoje o distrito de Santa Tereza, um campo clandestino para decolagem e aterrissagem de aviões. É também mito patente que muita

¹⁰ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 1.

¹¹ Sobre a história da formação e atuação da Polícia Militar do Paraná praticamente inexistente historiografia especializada. O que existe são as informações oficiais que podem ser encontradas em sites do governo do Estado. Sobre a história do 6º. Batalhão da Polícia Militar em Cascavel, local de formação de Joaquim Alves da Silva, não foi localizado referências específicas que podem ser indicadas. No entanto, em termos de historiografia sobre a história da polícia no Brasil, cf.: BRETAS, Marcos Luiz; ROSEMBERG, André. A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, jan.-jul. 2013.

gente sabe, que, não menos acirrada a luta pela aquisição de terras de maneiras ilícitas, gerando com isso, grandes choques armados entre proprietários tanto latifundiários e minifundiários, jagunços e posseiros, que, só diminui de maneira satisfatória, com os relevantes serviços prestados pelo lendário coronel Lapa, que hoje se encontra aposentado, e de muitos soldados que sacrificaram suas vidas em prol de um povo que queria fazer prosperar esta terra, dentro dos mais nobres sentidos patrióticos e cristãos.¹²

O narrador mostra preocupação em reiterar aos leitores sobre a qualidade da obra que, embora considere literária, entende ser um “autêntico documento” no qual vai relatar um “período crítico”. Atribui valor histórico ao relato, que identifica também como documento, buscando dar credibilidade às verdades que pretende revelar. O período crítico da região que o autor busca relatar está visível na criminalidade, na violência e nos assassinatos atribuídos ao contrabando (de café para o Paraguai e de entrada de drogas para o Brasil) e à “luta desesperada pela posse ilegal das terras”. Joaquim não desenvolve argumentos que possam contribuir com o debate – fundamental de seu tempo – sobre a legalidade ou a ilegalidade das propriedades fundiárias que estão sendo estabelecidas, ou mesmo sobre a reforma agrária.¹³ Coloca-se, sempre, do lado da justiça do Estado e, por isso, vai combater aqueles que ameaçavam a ordem social oficial. A região, para o poeta soldado, remete a necessidade do domínio do espaço por parte dos poderes oficiais. A intervenção da polícia se torna uma conquista, fruto de operações estratégicas, políticas e administrativas. Esse é o seu patriotismo.

No recorte geográfico empreendido por Joaquim, sudoeste e oeste do Paraná se confundem na representação de um espaço caracterizado pela presença e atuação criminosa de jagunços. Cabe ponderar, no entanto, que em nenhum momento da obra Joaquim Alves da Silva trata do conflito ocorrido entre posseiros e jagunços no sudoeste do Paraná, que culminou na Revolta em 1957.¹⁴ Seu recorte espacial se restringe a atuação do 6.º Batalhão da Polícia Militar de Cascavel. Nesta esfera de abrangência os espaços nomeados na obra são os de Cascavel, Santa Helena, Medianeira, Palotina e Toledo, hoje entendidos com cidades do oeste do Estado. Esta constatação é importante na medida em que evidencia que a presença de jagunços e posseiros não se restringiu ao sudoeste do Estado. Também estiveram presentes em outros espaços regionais, se tornando, portanto, um problema comum nas frentes de colonização onde as disputas territoriais estavam presentes e implicam em inúmeras ocorrências policiais. Na obra, Silva identifica a cidade de Cascavel como sendo o

¹² SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 1.

¹³ A dissertação de Antonio Marcos Myskiw é fundamental para esta discussão em torno dos problemas de titulação de terras e dos conflitos agrários originados no oeste do Paraná. Fundamentado por significativo *corpus* documental, em especial a análise de documentação jurídica produzida no período, Myskiw traça um panorama das intervenções do Estado em prol de ações de amigos, fazendeiros e empresários de empresas colonizadoras em detrimento dos posseiros – usando a polícia enquanto instrumento de coerção destes últimos. MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, posseiros e... Op. cit.*

¹⁴ Para mais leituras e pesquisas em torno da Revolta dos posseiros de 1957, ocorridas no Sudoeste do Paraná, cf.: GOMES, Iria Zanoni. *1957: A Revolta dos Posseiros*. Curitiba: Criar, 1986; KOLING, Paulo José. *A revolta de 1957... Op. cit.*; ARAÚJO, Danielle Regina Wobeto de; PEREIRA, Luís Fernando Lopes. Notas arquivísticas sobre a revolta dos posseiros (1957). *Tempos Históricos*, v. 23, 1.º sem. 2019.

centro operacional do crime – em especial do contrabando – e o então distrito de Santa Tereza – hoje município – como campo clandestino de decolagem e aterrissagem de aviões.

Num ambiente caracterizado pelo crime do contrabando, Joaquim acrescenta um problema ainda maior: “a luta pela aquisição de terras de maneiras ilícitas”. Na região que revela, os constantes confrontos armados entre latifundiários e minifundiários, entre jagunços e posseiros, só diminuiu com a presença e ação da Polícia Militar – em especial do coronel Lapa – “dentro dos nobres sentidos patrióticos e cristãos”. Finaliza a introdução à obra justificando a ação da polícia em prol do povo que buscava fazer prosperar a terra. As mortes de policiais, seu sacrifício, são justificadas pela promoção do bem comum e da paz pública, que faz entender como atitudes patrióticas e cristãs. A partir dessa explicação histórica, os policiais militares, em especial ele, soldado Joaquim Alves da Silva, se transformam nos personagens centrais do relato, os heróis da trama.

Em Cascavel, anos atrás
Reinava grande terror
Desordeiros, assassinos
Causavam grande pavor
Lutavam contra a milícia
Davam combate à polícia
Tinham habilidade e perícia
Nesse sinistro setor

Quem hoje vê Cascavel
Seu povo politizado
Nem sequer faz ideia
Do que foi o seu passado
Com os mensageiros da morte
Um jaguncismo tão forte
Com crimes de toda sorte
Trazendo o povo alarmado.¹⁵

Joaquim Alves da Silva, logo nas primeiras estrofes, estabelece um marco temporal para localizar a história que vai relatar. Publica o livro no início de 1976, o hoje do narrador, introduzindo um antes e depois à história de Cascavel.¹⁶ Hoje, identifica a região formada por um povo politizado. Mas antes disso, anos atrás – o autor não estabelece cronologia fixa, mas sua chegada ao 6.º Batalhão da Polícia Militar em Cascavel se deu em 1969 – o que imperava era um passado de terror, de desordem, de assassinatos, promovidos por jagunços, entendidos como “mensageiros da morte”, que confrontavam a política e traziam alarde ao povo. “Um jaguncismo tão forte” que é equiparado aquele historicamente identificado no nordeste do Brasil.

Era igualmente no Nordeste
Nos tempos de Virgulino
Quando imperou cangaceiros

¹⁵ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 3.

¹⁶ Para mais informações sobre a história da formação de Cascavel e dos problemas fundiários, cf.: PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel, PR: Edunioeste, 2013; BROCARDI, Daniele. *Memórias sobre a ação de madeireiras: o processo de extração da floresta no município de Cascavel/PR*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel (PR); CORDEIRO, Anselmo. *Ninho de cobras*. Cascavel, PR: Independente, 1986.

Bem como Antonio Silvino
Dominava a crueldade
Sem compaixão e piedade
O terror e a iniquidade
Num sudoeste assassino

Aqui bandos de jagunços
Se tornavam radicais
Promovendo suas desordens
Tomando glebas rurais
Aqui neste Sudoeste
Dominava o far-west
Como se deu no Nordeste
Com Lampião e outros mais.¹⁷

Na caracterização da região de sua atuação, Joaquim atribui aos jagunços noções conferidas ao jaguncismo do nordeste brasileiro.¹⁸ Se no nordeste estes personagens – em especial Virgulino e de Antonio Silvino – eram reconhecidos por sua crueldade, pelo terror que promoviam, sem qualquer compaixão ou piedade, no “sudoeste assassino”, os bandos de jagunços se tornavam ainda mais radicais, sobretudo devido a questão da tomada de glebas rurais. Tempos de banditismo e de faroeste tanto no nordeste quanto no sudoeste. A linguagem comparativa e estereotipada de que Joaquim faz uso para exemplificar o jaguncismo presente na região desempenha importância significativa para o estabelecimento de uma noção espacial que dá origem e confere legitimidade à ação da polícia enquanto imprescindíveis por serem civilizatórias. Não menos importante é o fato de saber – pelos dados bibliográficos – que Joaquim era filho de família nordestina que migra para o sul, fugindo da seca e também da violência a que estavam submetidos. Isso dá ainda mais credibilidade à descrição que promove em torno jaguncismo na região de Cascavel.

Daqui a muitos quilômetros
Onde é hoje Medianeira
Era núcleo de jagunços
Ou quartel de cabroeira
Quando a polícia atacava
A jagunçada atirava
E algum defunto ficava
Mergulhado na sangueira.¹⁹

Seguindo seu relato, Joaquim Alves da Silva identifica alguns dos lugares nos quais os confrontos ocorreram, muitos deles no interior de matas. Medianeira e Santa Helena aparecem, ainda no início da narrativa, como espaços onde houve confrontos entre jagunços e policiais, repercutindo em ferimentos ou mesmo na morte de alguns. A fim de dar ainda mais

¹⁷ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 3-4.

¹⁸ Joaquim concebe a história da ocupação do “sertão” sudoeste e Oeste do Paraná a partir da comparação com a história do sertão nordestino no Brasil. Na caracterização que promove do interior, rural e arcaico, destaca a presença de jagunços que exercem um poder privado e organizado de violência, que são colocadas a serviço de proprietários rurais que podem promover a violência ou tentar controlá-la a fim de garantir a propriedade fundiária. Na paisagem inóspita que Joaquim vai apresentando o jagunço é o cabra, o pistoleiro, o capanga. Para uma leitura direcionada sobre esta questão em torno da caracterização do jagunço, cf.: TURCHI, Maria Zaíra. Jagunço e jaguncismo: história e mito no sertão brasileiro. *O público e o privado*, Fortaleza, n. 7, jan.-jun. 2006.

¹⁹ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 4.

dramaticidade ao seu relato e torna-lo épico, o narrador nomeia os “heróis” que tombaram ou se feriram em confronto contra a “barbárie” promovida pelos jagunços. Prática comum ao longo de toda a narrativa.

Morreu o soldado Jairo Wagner
Da polícia militar
Vítimado por posseiros
No referido lugar [Santa Helena]
Um maldito baletão
Lhe cravou no coração
Deixando o 6º. Batalhão
Muita saudade e pesar.

Também morreu o Dr. Camilo
Nessa tremenda chacina

Fazendeiro e advogado
Que residia em Londrina
Findou sua carreira
Na boca da cartucheira
Atirado de trincheira na grande carnificina

Foi baleado na garganta
O tenente Jurandir
Cercado pelos posseiros
Mas conseguiu a fugir
Atravessou um riacho a nado
Saindo do outro lado
Foi em Santa Helena operado
Voltando depois a agir

Ficou bastante ferido
Um empregado do fazendeiro
Que na medição de terras
Era hábil picadeiro
Também caiu na esparrela
Lhe atiraram na canela
Quase sua perna esfarela
Por um balaço certo.

O capitão Carlos Berleza
Prestou socorro aos feridos
Lhes dando toda assistência
Atento em todos os sentidos
Desafiando o matagal
Chegando até o local
Do tiroteio fatal
E retirando os falecidos.²⁰

O narrador nomeia e enaltece personagens que se colocaram na linha de frente do confronto ocorrido em Santa Helena.²¹ Não apenas soldados. Também um fazendeiro, Dr. Camilo, e o funcionário do fazendeiro, cujo nome não é revelado, que era agrimensor. São personagens considerados “civilizadores” – policial, fazendeiro, agrimensor – contra aqueles

²⁰ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 4-5.

²¹ Para mais informações a respeito da história da formação de Santa Helena, cf.: COLODEL, José Augusto. *Obrages & Companhias colonizadoras: Santa Helena na História do Oeste Paranaense até 1960*. Santa Helena, PR: Prefeitura Municipal, 1988; LANGARO, J. F. *Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do oeste do Paraná*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (SP).

considerados inimigos – no caso posseiros – na medida em que promoviam a violência e os assassinatos. Importante perceber que no fragmento acima os posseiros são colocados ou identificados como jagunços. Ou seja, os conflitos pela posse definitiva da terra estão em evidencia, e neste contexto que posseiros, jagunços, fazendeiros e policiais travam batalhas. Espaço propício, também, para os heroísmos. Nesse sentido a narrativa de Joaquim enaltece a ação corajosa e eficaz de soldados, como no caso do Capitão Carlos Berleze, que prestou socorro aos feridos ou retirou os falecidos em meio ao matagal. No relato, os jagunços estão entrincheirados, aguardando a chegada da polícia.

Alguns valentes soldados
E o sargento José Teixeira
Decididos militares
Todos eles de fileira
Com o sargento no comando
Foram no encalço do bando
E assim foram aproximando
Até chegarem a trincheira

O bando então percebendo
Que a polícia aproximava
Pra não cair prisioneiro
Da resistência deixava
Fugiram os doze assassinos
Que selaram dois destinos
Com seus atos clandestinos
Pela floresta embrenharam.²²

Em tom jubiloso, Joaquim relata a valentia dos soldados que vão ao encalço do bando. Consegue dimensionar aos leitores que eram “12 assassinos”. Mostra, de outro lado, que os jagunços fugiram com medo de serem aprisionados. Fugitivos que passaram a ser perseguidos, mas que tal tarefa era difícil, na medida em que a mata, traiçoeira, dava acolhida e dispersava os bandidos. Além de Santa Helena, ocorreu confronto também em Flor da Serra:²³

Também houve tiroteios
Na famosa Flor-da-serra
Jagunços contra a Polícia
Devido grilos de terra
Eu admiro o soldado
Que luta e fica calado
É verdadeiro o ditado
Que o bom cabrito não berra.²⁴

O conflito “na famosa Flor da Serra” ocorreu em 1961. No relato, Joaquim segue a lógica de enaltecimento da coragem e da ação de soldados da polícia no confronto com os jagunços. Soldados que lutam calados, sem reclamar, como se estivessem numa missão

²² SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 6.

²³ Atualmente, o local é identificado como Serranópolis do Iguaçu. Para mais informações, cf.: ANDRADE, Franciele Margarida Bard. *A luta pela terra a partir de narrativas de trabalhadores: os posseiros e a revolta da Gleba Silva Jardim-PR. (1961)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon (PR); COLOMBO, Leonir Olderic. *Memória: documentos sobre a revolta de 61*. Capanema, PR: IGAL, 2001.

²⁴ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 7.

patriótica. Joaquim tem a preocupação de nomear os sujeitos militares, na tentativa de lhes dar posição histórica de heroicidade. A admiração ao soldado, que luta bravamente, com coragem, “prestimoso e providente”, e de modo competente é ressaltado ao longo de toda a saga. Da destaque ao sargento Álvaro de Oliveira, ao Capitão Binde, a Lisboa da Costa. Este último:

Esse herói da Flor-da-Serra
Chefiava seis soldados
Em certa altura na estrada
Viu dois caminhões parados
Viu um mulato acenando
Quando ali foram chegando
Deles foram aproximando
Mais de cem homens armados

Os militares só atiraram
Quando se viram agredidos
Por esses homens rebeldes
Que se achavam escondidos
Lhes preparando a cilada
Numa margem da estrada
Armando uma emboscada
Assim tinham decididos

Houve uma chuva de balas
Com insuportáveis trovões
Produzidas por winchester
Clavinas e mosquetões
Houve angústias e gemidos
E excessos de estampidos
E alguns mortos estendidos
Entre as duas facções.²⁵

Joaquim relata a batalha que se origina de uma tocaia estrategicamente organizada pelos jagunços, que nomeia como homens rebeldes. Afirma que mais de cem homens armados iniciaram o confronto e que coube aos soldados revidarem. Winchester, clavinas e mosquetões provocam uma chuva de balas, trovões ocasionados pelos disparos, mais angústias, mais gemidos e mortos estendidos “entre as duas facções”. Joaquim relata um verdadeiro faroeste.

Como no confronto em Santa Helena, também em Flor da Serra, Joaquim dá visibilidade e heroicidade aos soldados que se feriram ou que tombaram no confronto. Sargento Lisboa da Costa ferido no confronto; Sargento Álvaro que viu seu irmão, soldado Olívio de Oliveira, morrer no confronto: “tombou, mas como gigante”. Também nomeia mais dois soldados que morreram “nesse choque tão daninho”, Passarinho e Caetaninho. Também Antenor Gonzaga Leite e Orlando da Rocha, “que mostrou a sua bravura, coragem e desenvoltura”. Na narrativa de Joaquim, a caracterização elogiosa, racional e patriótica em torno das ações promovidas pela polícia são uma constante a fim de evidenciar a violência de que foram alvos e, na mesma medida, justificar as represálias, também violentas, promovidas por estes em nome do Estado. Mas a sorte da polícia iria mudar:

²⁵ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 8.

As quatro e meia da tarde
O coronel Lapa chegava
Com um forte contingente
Que ali desembarcava
Comandando a operação
Pondo em campo o batalhão
Com bravura de leão
A soldadesca atacava

Vendo três colegas mortos
A tropa toda irritada
Sobre o comando do Lapa
Tenazmente ali lutava
Houve ali uma semi-guerra
Fumaça subia a serra
Sangue jorrava por terra
E o tiroteio ecoava

O amigo cabo Alifales
Também lutou nesse dia
Entre a nuvem de fumaça
Que a todo mundo envolvia
Viu sua hora de morrer
Viu colega falecer
Soube cumprir o seu dever
No meio da tirania.²⁶

Na narrativa épica construída por Joaquim na caracterização de uma região belicosa e violenta que necessitava da ação da polícia, um personagem assume posição de relevo. Trata-se do coronel Lapa.²⁷ Chega a região com um batalhão, promovendo uma "semi-guerra", tiroteio e sangue jorrando pelo chão. Soldados que cumprem seu dever, que lutam contra a tirania, que suportam desgraças, que veem praças tombarem, numa "luta fratricida". Todos são mostrados como fortes, valentes, soldados de linha de frente.

Em meio a este cenário de "semi-guerra", o narrador procura justificar aos leitores da necessidade desta intervenção oficial do Estado e o papel desempenhado pelo coronel Lapa. Segundo ele:

A conquista ilícita da terra
E o roubo de pinheiros
O contrabando do café
Para os vizinhos estrangeiros
Originaram as intrigas
Tornou cenário de brigas
Perderam aqui muitas vidas
Muitos dos meus companheiros

Aqui existia mais jagunços

²⁶ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 10.

²⁷ Na pesquisa de Antonio Myskiw, já citada neste artigo, encontra-se críticas instigantes sobre o trabalho desenvolvido pelo então delegado João Rodrigues da Silva Lapa no Oeste do Paraná. Myskiw analisa um inquérito judicial onde estão os testemunhos dos envolvidos em litígio de terras na Gleba Silva Jardim. Na transcrição da linguagem oral para a linguagem escrita, Lapa, que relatava ao escrivão, utilizava um vocabulário técnico que implicava no uso de palavras diferentes daquelas proferidas pelos depoentes, o que, segundo Myskiw: "certamente muitas informações foram excluídas nessa passagem da linguagem oral para a escrita, isto é, as entonações, silêncios, gestos, entre outras coisas. O delegado transformou-se em agente de filtragem das informações, visto que lhe era conferido uma espécie de poder de definir o que entraria no relato escrito, bem como na forma tempo-verbal que os depoimentos eram transcritos". MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, posseiros e... Op. cit.*, p. 92.

Do que mesmo agricultores
Grilando terras e madeiras
Tornando-se delas senhores
Enfrentavam a autoridade
Trocavam tiros a vontade
Até mesmo na cidade
Praticavam seus horrores.²⁸

A conquista ilícita da terra, o roubo de pinheiros e o contrabando de café para o Paraguai são nomeados como elementos originários de intrigas, desordens e assassinatos, caracterizando um ambiente no qual a polícia deveria intervir. Ambiente cujas práticas criminosas eram promovidas por jagunços, tanto no interior quando nas cidades. Neste ponto, Joaquim chega a afirmar que existiam mais jagunços do que agricultores na região, e que estes eram responsáveis pelos grilos de terras, apossando-se das mesmas, nem que para isso tivessem que enfrentar as autoridades.

Depois desta justificativa “civilizatória”, cuja missão da polícia seria o de manter a ordem e preservar o cidadão de bem, diminuindo conflitos e gerando a sensação de segurança, Joaquim retoma o personagem Lapa a fim de justificar sua ação enérgica no combate ao banditismo.

Para então manter a ordem
No papel de delegado
Tivemos o coronel Lapa
Militar valente e honrado
Nunca foi de brincadeira
Entrou descendo a madeira
O terror perdeu carreira
Tornando assim fracassado

Foi então o coronel Lapa
Um militar muito afamado
Que mostrou o seu prestígio
Nas funções de delegado
Combateu o banditismo
Perseguiu o jaguncismo
Com inquebrantável heroísmo
Foi homem ordeiro e honrado

Se via em senas fatais
Surgidas aqui e acolá
Morrer pessoas a granel
Nas mãos de gente tão má
Se via a cobra fumando
A jagunçada brigando
E algum defunto boiando
No grande Rio Paraná.²⁹

O combate ao banditismo promovido pelo coronel Lapa sintetiza um divisor de águas na história do jaguncismo no oeste do Paraná, segundo Joaquim. Enaltece as qualidades militares do coronel, que entende ser valente, honrado, combativo, afamado, prestigiado, heroico, ordeiro. Um militar que perseguiu os jagunços de forma implacável, mudando uma realidade antes tomada pelo terror. Terror pelas cenas que Joaquim relata, como a grande mortalidade

²⁸ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 11.

²⁹ *Ibidem*, p. 12.

de pessoas promovidas por "mãos de gente tão má", os jagunços, que provocavam brigas e assassinatos, desovando os corpos no Rio Paraná.

Até este momento da narrativa o foco de Joaquim esteve no relato de um ambiente permeado pela criminalidade, avaliando decisiva e correta a ação civilizadora promovida pela Polícia Militar na tentativa de combater o banditismo. Até então, pouco se sabe dos jagunços. Sabe-se por Joaquim que são desordeiros, cruéis, sanguinários, assassinos, criminosos, rebeldes, radicais e, acima de tudo, atentam sempre contra a polícia. Eles não são nomeados, apenas os soldados têm visibilidade, se transformando em protagonistas, identificados, descritos e heroicizados. A partir da página 12, no entanto, mais especificamente a partir da estrofe XXXIX, Joaquim Alves da Silva dá pistas em torno daqueles que promoviam a desordem e a criminalidade. Segundo o narrador:

A companhia Pinho e Terras
Tinha dois representantes
No correr de poucos anos
Tornaram muito importantes
Côr-de-Rosas e Marinsbelo
Ligeiros no parabelo
Eram os dois num paralelo
Agindo nesses quadrantes.³⁰

Joaquim Alves da Silva destaca dois "cabras" como representantes da Companhia Pinho e Terras na região:³¹ Côr-de-Rosas e Marinsbelo. Até então, os inimigos dos policiais eram os posseiros – alguns entendidos enquanto jagunços – mas, agora, os jagunços representam uma companhia colonizadora. Não há no relato de Joaquim menção aos dirigentes desta empresa, ou o envolvimento destes com quaisquer disputas territoriais. Estes são escamoteados da história. Não parece ser intenção de Joaquim questionar as autoridades que estão colonizando a região. Interessa mostrar como a polícia agiu na perseguição e aprisionamento da jagunçada, independentemente a quem prestavam serviço. Com este intuito, continua Joaquim:

Na margem do Piquiri
Tinha um forte acampamento
Dos cabras de Marinsbelo
Com poderoso armamento
Marinsbelo estava forte
Como o lampião do Norte
Mas as revezes da sorte
Chegaram-lhe em dado momento

De toda situação

³⁰ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 12.

³¹ A colonizadora Pinho e Terras foi responsável pela ocupação e colonização de inúmeras áreas de terras no Oeste e Sudoeste do Paraná. Mantinha várias seções em diferentes localidades. Destaca-se a necessidade de mais pesquisas em torno dos conflitos fundiários resultantes da ação desta empresa. Para leituras em torno das particularidades e da atuação desta empresa, cf.: SILVA, Gabriela Thais da. Palotina: colonização, vivências e expectativa dos colonos envolvendo os conflitos por terras (1954-1979). *Anais do [...] XV Encontro de História da UFPR*. Curitiba: UFPR, 2016; PINHO & TERRAS LTDA. *Relatório do Plano de Colonização da Pinho e Terras Ltda.* (Período 1946-1960). [S. d. t.]; GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel, PR: Edunioeste, 2002.

A polícia era informada
Das ações de Marinsbelo
Com a sua jagunçada
Planejou-se um desarmamento
Com data certa e momento
Pra tomar o acampamento
As quatro da madrugada

E para lá se deslocaram
Quarenta policiais
Com fuzis e mosquetões
Metralhadoras e algo mais
Com bastante munição
Cuidado e muita atenção
Embrenharam no sertão
Em lombos de animais

Tudo deu bem certo
Como tinham planejado
Com tamanho sacrifício
Atravessaram o rio a nado
Como era cedo e chovia
A jagunçada dormia
Prenderam logo o vigia
E o grupo foi desarmado

Foi brilhante a operação
No interior daqueles matos
A bravura de soldados
No desenrolar dos fatos
Apreenderam armas de guerra
Em poder da Pinho e Terra
Mas o dever de quem erra
É responder por seu atos.³²

No relato, Joaquim destaca a “brilhante operação” da Polícia Militar no desarmamento do bando de Marinsbelo. Novamente, a fim de potencializar ou mesmo exemplificar o poderio dos jagunços, Joaquim traça um paralelo com o bando de Lampião no norte do Brasil. Só que no caso do Paraná a estratégia e a ação da polícia foi decisiva para o fim da atuação do bando. O sucesso da operação é laureado. O sacrifício e a bravura dos soldados é realçado. Como desfecho da operação se tem a apreensão de grande armamento, “armas de guerra”, em poder da Pinho e Terras. Ainda no final da estrofe Joaquim dá a entender que o dever de quem erra era o de responder por seus atos. No entanto, não se tem informações sobre se isso realmente ocorreu. Se quem respondeu, se é que respondeu, foi o jagunço Marinsbelo ou os dirigentes da empresa. Estas questões exigem novas pesquisas.

Além de Marinsbelo, Joaquim relata a existência de outros jagunços afamados do “sertão” oeste paranaense. José Cascavel, esse “monstro sanguinário”, que foi preso pelo delegado Major Paulo. Manoel Calixto, que “no crime teve carreira”, também preso. Além destes:

Francisco Alves dos Santos
Apelidado por negrão
Foi jagunço perigoso

³² SILVA, Joaquim. *Como era... Op. cit.*, p. 13-14.

Que agiu na região
Foi pela lei autuado
Hoje se encontra encanado
Vendo o sol nascer quadrado
No fundo de uma prisão

Esse tremendo jagunço
Era o pavor do sertão
Executava negras ordens
Recebidas do patrão
O desalmado pistoleiro
Desalojava posseiro
E matava por dinheiro
Fosse lá qualquer cristão.³³

A caracterização dos jagunços enquanto criminosos de extrema periculosidade, enobrece ainda mais, na narrativa de Joaquim, a ação policial. O “pavor do sertão” está “no fundo de uma prisão”. No caso acima relatado, o autor não nomeia o nome do patrão que teria ordenado as “negras ordens”. O fato de desalojar posseiro dá pistas neste sentido. O que Joaquim relata, na sequência, é o resultado visível deste trabalho de expulsão dos posseiros das terras. Segundo o narrador:

Ainda se encontram esqueletos
Das pessoas que morriam
Assassinadas por jagunços
Que assassinando viviam
Pessoas do sul e do norte
Vinhavam a procura da sorte
E aqui encontravam a morte
Por rio abaixo desciam

Mataram o soldado Sabóia
Também o soldado Renato
Assassinaram o Santana
Numa missão pelo mato
Os cabos João e Carolino
Tiveram o mesmo destino
Cada um teve um assassino
Covarde mesmo de fato.³⁴

Joaquim aponta para os vestígios – os esqueletos – que ainda podem ser encontrados de pessoas assassinadas pelos jagunços. Pessoas do sul e do norte, “fosse lá qualquer cristão”, que chegavam ao oeste do Paraná em busca de terras e trabalho. A “busca da sorte” para alguns, para outros a morte e o destino de terem seus corpos jogados no Rio Paraná. Junto destes “homens da boa sociedade”, trabalhadores, Joaquim coloca os soldados. Também vitimados pelos jagunços, que por isso são caracterizados de covardes.

Na estrofe seguinte, de número LV, o narrador se refere a luta empreendida pelos posseiros da Ponte-Queimada contra jagunços. Anteriormente, como visto, alguns posseiros eram ou poderiam ser qualificados enquanto jagunços. Neste momento, em 1962, no episódio

³³ SILVA, Joaquim. *Como era... Op. cit.*, p. 15-16.

³⁴ *Idem*, p. 16.

da revolta ocorrida em Ponte Queimada, no município de Santa Helena,³⁵ Joaquim coloca os posseiros como poderosos na “defesa de suas posses”:

Aqui também os posseiros
Se tornaram poderosos
Na defesa de suas posses
Foram mesmo belicosos
Exemplo é Ponte-Queimada
Que deu luta ensanguentada
Dizimaram a jagunçada
Em combates pavorosos

Para por termos aos conflitos
Reinantes neste lugar
Aqui esteve o comandante
Da polícia militar
Desempenhou nobre papel
Vindo aqui em Cascavel
O egrégio Coronel
José Carlos de Avelar

Indo até a ponte Queimada
Embuído de otimismo
Numa penosa jornada
Mas com acendrado otimismo
Com o Coronel Dinalberto
Sentiu os problemas de perto
Deixando um horizonte aberto
Para integral pacifismo.³⁶

Os posseiros, segundo Joaquim, empreenderam “luta ensanguentada” contra os jagunços. Não esclarece a quem estes jagunços trabalhavam. Importa a afirmação que “dizimaram a jagunçada”. No entanto, estes posseiros, “belicosos”, não são heroicizados. Interessa a Joaquim, novamente, colocar a organização militar como protagonista para o fim dos conflitos. Nesse sentido, evidencia a presença do coronel José Carlos de Avelar “para por termos aos conflitos”. Este policial, que “desempenhou nobre papel”, foi até o local do conflito promovendo um “integral pacifismo”. O herói de Joaquim, novamente, é o policial militar, que tem a missão de zelar pela ordem. Finalizando esta parte, Joaquim, na página 17, estrofe LVIII, aponta para o resultado do trabalho da Polícia Militar na região.

Cascavel hoje progride
Se expande em todos setores
Não existem mais bandidos
As hordas de malfeitores
Jagunços perderam vez
A polícia muito fez
Lhes meteram no xadrez
Trazendo a paz aos senhores.³⁷

³⁵ Com relação dos conflitos agrários ocorridos na Gleba Ponte Queimada, cf.: SILVA, Tatiane Karine Matos da. *Conflitos pela terra na Gleba Ponte Queimada: experiências de disputas por terras em narrativas (1960-1972)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon (PR).

³⁶ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. Cit.*, p. 16-17.

³⁷ *Ibidem*, p. 17.

O expansão do progresso em Cascavel, segundo Joaquim, se deve, em muito, pelo que a polícia fez para controlar os jagunços criminosos. Não fala de uma polícia assassina. A inexistência dos bandidos, das "hordas de malfeitores", é atribuída ao fato de todos estarem presos. Assim, de um ambiente regional inicialmente caracterizado pelo terror, pela desordem, pelos assassinatos constantes – como analisado no início do texto – o hoje do narrador, em 1976, evidencia outra realidade. De tanto a polícia atuar, agora "os jagunços perderam vez, trazendo a paz aos senhores". Cabe a interrogação: que senhores são estes? Se, no início do relato, os jagunços promoviam crimes que alarmavam o povo, com o fim do banditismo a paz coube apenas aos senhores? O trabalho de Antonio Marcos Myskiw, já citado nesta pesquisa, dá pistas nesse sentido.

Seja como for, não interessa, neste momento, buscar respostas a todas as indagações que a obra de Joaquim Alves da Silva suscita. Como afirmado no início do artigo, o que importa neste estudo é entender e analisar a relevância do relato de Joaquim na representação de uma história da violência e da criminalidade que sempre estiveram presentes neste espaço regional, mas que, curiosamente, está ausente em grande parte da historiografia já produzida, em especial a oficial. No entanto, como apontado nas notas de rodapé, novas e instigantes pesquisas estão sendo realizadas em âmbito acadêmico que buscam dar respostas a esta constatação. O acesso a novas fontes – em especial as judiciais como os processos criminais – e a produção de fontes orais, tem contribuído nas investigações de fatos e sujeitos que até então estavam escamoteados ou eram estigmatizados pela historiografia. Estas pesquisas contemporâneas questionam o consenso predominante em torno das ações "lícitas" e, muitas delas, "heroicas", oriundas da atuação de empresas de colonização e de colonizadores, ainda hoje laureados enquanto pioneiros laboriosos, enquanto artífices do progresso da região.

3. O narrador, a defesa da "boa sociedade" e a luta contra os criminosos

Na última parte da obra Joaquim relata, da página 17, estrofe LVIX, até a página 24, estrofe LXXXVIII, o início e o desfecho do conflito onde "liquidou Joaquim Coelho", um dos bandidos mais afamados de Palotina, segundo o poeta.³⁸ Narra, da mesma forma e estilo com que até então representou as ações da Polícia Militar na região, seu feito heroico. Num primeiro momento, caracteriza a região de Palotina como ambiente conturbado pela presença de criminosos, à semelhança do que já vinha evidenciando em outras áreas do oeste e sudoeste, aqui também "imperava a lei da bala".

Como foi no Sudoeste

³⁸ Para mais informações sobre a formação de Palotina e os conflitos agrários, cf.: BRÜNE, Sabrina. *Conflitos agrários no Oeste paranaense: o município de Palotina e suas terras litigiosas (1956-1976)*. *Anais do [...] 6.º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais*. Toledo, PR: Unioeste, 2014; SILVA, Gabriela Thaís Mattia da. *Colonização, terra, conflitos e religião: a atuação da congregação dos palotinos no Oeste do Paraná*. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon (PR).

Era aqui em Palotina
Imperava a lei da bala
Na base da carabina
Sempre vencia o mais forte
Quem tinha arma e mais sorte
E desafiava a morte
Com bravura leonina

Na Gleba dos Cinco Mil
Que se tornou afamada
Surgiram muitas refregas
Muitas batalhas travadas
Tornando-se muito concisa
Se destacando Narciso
Aqui de um modo preciso
Descrevo as coisas rimadas.³⁹

Na representação de Joaquim, num contexto onde predominava a lei da bala, a bandidagem tinha força por ter a posse de armas de fogo. Eram os vencedores, tinham bravura e sorte sempre que desafiavam a morte. Nomeia um caso específico que ficou afamado, segundo este, no oeste do Paraná. Os conflitos de terras ocorridos na Gleba dos Cinco Mil.⁴⁰ Neste ambiente de "muitas refregas", um personagem é colocado em relevo, o jagunço Joaquim Coelho:

Joaquim Carvalho da Costa
Era vulgo Joaquim Coelho
Que tinha muitos bandidos
Sob suas ordens e conselhos
Sendo xerife e senhor
Que difundia o terror
O seu nome era um pavor
Espalhado em nosso meio

Segundo o que a gente sabe
Da sua vida ociosa
Vivia do banditismo
Da carreira criminosa
Quem chegava mais dinheiro
Contava com o bandoleiro
Joaquim Coelho pistoleiro
Pedia soma vultuosa.⁴¹

A representação que o narrador promove para caracterizar a periculosidade do bandido Joaquim Coelho é enfática. Espalhava o medo e o terror. Tinha muitos bandidos sob suas ordens e conselhos. Com carreira criminosa, vivia praticando assaltos e trapaceando, era um bandoleiro. Além disso, atuava como pistoleiro, prestando serviço a quem mais pagava. Novamente, no relato de Joaquim Alves da Silva, não aparece os mandantes ou os patrões que contratavam este "desumano e pervertido" pistoleiro. Interessa ao narrador evidenciar que

³⁹ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 17.

⁴⁰ Para informações específicas sobre a Gleba dos Cinco Mil, cf.: BRASIL. Decreto n.º 75.085, de 12 de dezembro de 1974. Trata-se de um decreto de Ernesto Geisel declarando esta área de conflitos como de interesse social para desapropriação. BORITZA, Rita. *Assis Chateaubriand: história e memória*. 2008. Caderno Temático - Produção didático-pedagógica (Aperfeiçoamento em Educação) - Programa de Desenvolvimento Educacional, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon (PR).

⁴¹ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 18.

este bandido “parecia ser dirigido por obras de satanás”. Na sequência do relato, o narrador vai reconstituindo a vida pregressa do bandido, evidenciando seus crimes e sua sorte. Sorte, na medida em que consegue se livrar da justiça, muitas vezes por esperteza e por fugir dos flagrantes. Esta sorte só muda com a chegada de Joaquim Alves da Silva, o narrador, à Palotina:

Ao chegar em Palotina
Eu fiquei horrorizado
De saber que Joaquim Coelho
Era bandido afamado
Sua fama enquanto corria
Nem eu e ele sabia
Que o seu beijo seria
Por duas balas traçado

Foi num dia de domingo
Eu era recém chegado
Quando à delegacia
Chegou um moço apressado
Dizendo que no bolão
O Coelho valentão
Dominava a situação
Atirando pra todo lado

Eu parti para o local
O soldado João foi comigo
Pois o famoso bandido
Tinha capangas consigo
Eu disse alto ao sujeito
Meti o revolver em seu peito
Por qualquer gesto suspeito
Te queimo o couro do umbigo

O famoso pistoleiro
Ofereceu resistência
Aí o pau da goiaba
Já caiu sem complacência
E vendo a barra pesada
Desistiu da empreitada
A sua arma foi tomada
Na base da violência.⁴²

O narrador se mostra horrorizado com a fama do bandido e já adianta ao leitor o seu destino. Mesmo assim, o relato passa a ser construído focado na descrição da ação criminosa do bandido e nos confrontos que teve com a polícia que, em determinados momentos, consegue o deter e desarmar mas não permanece preso. “O Coelho valentão” foi desafiado por Joaquim. De 14 de julho até 20 de outubro o narrador relata o trabalho da polícia que empreende buscas ao pistoleiro, acusado, dentre outras coisas, de fazer emboscada, junto com sua jagunçada, na margem do Rio do Peixe.

Joaquim Coelho quando soube
Que a polícia o procurava
Com três winchester e revolvers
Pela cidade andava
Ao lado de um bandido

⁴² SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 20.

Que se dizia decidido
Usava tempo perdido
Pensando que nos matava

Era 16 de julho
Mais ou menos meio dia
Pela rua Getúlio Vargas
Joaquim Coelho descia
Quanto o tentamos deter
Ele dispôs a correr
E procurou se esconder
Numa alheia moradia

Em plena Avenida Kennedy
Era bala que zunia
Nos fundos da Loja Assis
Joaquim Coelho se escondia
O cabra ficou ousado
Pois estava bem armado
Muito bem entrincheirado
A bala nos recebia

Disse nosso delegado
Vamos pegar o sujeito
Nem que morremos na luta
Hei de tombar satisfeito
Só não devemos deixar
Esse malandro escapar
Afim de não conspurcar
O nosso nome e conceito

Com um pedaço de madeira
Meio escudado fiquei
Com meu trinta e muita bala
Por uma porta adentrei
Me valha senão eu morro
Já gritando por socorro
O coelho escondeu no forro
Com um tiro que lhe dei.⁴³

O relato de Joaquim Alves da Silva mostra, passo a passo, o trabalho da polícia na captura do foragido Coelho. Caracteriza um sujeito fortemente armado, que andava destemido pela cidade pensando em vingança. A fim de dar ainda mais realidade histórica ao seu relato, Joaquim nomeia um tiroteio com o bandido na rua Getúlio Vargas e na Avenida Kennedy, em Palotina. O “cabra ousado, entrincheirado”, recebia a polícia à bala. Pegar o bandido passa a ser questão de honra para os policiais, “afim de não conspurcar o nosso nome e conceito”. O policial Joaquim consegue capturar o jagunço Joaquim. Este último foi preso e encaminhado para a cidade de Toledo, mas “galgou logo a liberdade”.

Foi preso para Toledo
Galgou logo a liberdade
Voltou bem mais atrevido
Com dupla ferocidade
Não queria trabalhar
Seu plano era vingar
Pois desejava matar
Meia dúzia na cidade

⁴³ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 21.

Iria matar o delegado
Esse monstro criminoso
Assassinar o Prefeito
Também o sr. João Bortolozzo
Porem caiu do cavalo
Querendo bancar o galo
Tenho nojo quando falo
Desse canalha inditoso.⁴⁴

Nas últimas estrofes da obra, Joaquim relata objetivos perversos do “monstro criminoso” Coelho. Este “canalha inditoso” volta da prisão ainda mais “atrevido e com dupla ferocidade”, planejando vingança. De meia dúzia que o bandido desejava liquidar, relatado pelo narrador, o destaque é dado ao então prefeito e ao Sr. João Bortolozzo,⁴⁵ figuras ilustres, historicamente reconhecidos enquanto pioneiros que ajudaram a colonizar e desenvolver Palotina. Essa é a boa sociedade que defende Joaquim Alves da Silva. Essa constatação dá ainda mais valor heroico ao ato de liquidar o bandoleiro Joaquim Coelho. Descrito – conforme as últimas estrofes da obra, destacadas no início deste artigo – como um “tipo deletério”, insalubre, um verdadeiro inimigo da “boa sociedade”. Dá, também, legitimidade e implica no reconhecimento da ação policial enquanto civilizatória para a região. Reconhecimento que o narrador também busca com sua obra literária, o que provavelmente não conseguiu em seu tempo.

4. Ao modo de conclusão: os limites da pesquisa e as contribuições da obra de Joaquim Alves da Silva

Este artigo mais incita questionamentos do que deles trata. Direciona para a necessidade de outras pesquisas e análises, na medida em que vários temas, personagens e informações históricas retratadas por Joaquim Alves da Silva até o momento não puderam ser estudadas. A obra também provoca curiosidades e questionamentos em torno da história da Polícia Militar no Paraná – também do 6.º Batalhão de Cascavel – de sua formação, atuação, compromisso social, documentos produzidos, etc. Bretas e Rosemberg apontam para a relevância deste campo de estudos na contemporaneidade. A polícia e o policial também podem – e devem – ser historicizados. São partes constituintes da sociedade. Nesse sentido, destacam para a relevância de se pensa-los enquanto objetos da história, mas não numa perspectiva estereotipada que entende a polícia apenas como instrumento opressor do Estado, mas também como uma organização social que tem e atende às particularidades regionais no Brasil.⁴⁶

⁴⁴ SILVA, Joaquim. *Como era o... Op. cit.*, p. 23.

⁴⁵ João Bortolozzo foi prefeito de Palotina de 1.º de fevereiro de 1970 até 31 de janeiro de 1972. Para mais informações, cf.: REGINATO, Pe. Pedro. *História de Palotina 1954-1979*. Santa Maria, PR: Pallotti, 1979.

⁴⁶ BRETAS, Marcos Luiz; ROSEMBERG, André. *A história da polícia... Op. cit.*

Como visto, *Como era o sudoeste e porque matei Joaquim Coelho* tem significativo valor histórico. Se colocada no campo de produção cultural regional, a obra de Joaquim transita entre o oficial e o marginal. Isso porque do lado oficial o Joaquim, soldado da Polícia Militar do Estado do Paraná, glorifica o trabalho desta instituição nas operações contra os jagunços presentes em várias partes do território. Não há críticas à organização militar. Ao contrário, ele narra uma história vencedora. Os criminosos foram todos eles derrotados. Joaquim dá existência, sentido e fundamento cristão e patriótico às ações heroicas dos policiais. Mas por outro lado, a obra de Joaquim também apresenta o lado marginal da história. Sempre que fala da polícia, de suas ações e estratégias, também fala dos seus alvos, os jagunços e demais criminosos. Os nomeia. Atribui-lhes características e lugar histórico. Ou seja, ao relatar as ações empreendidas contra os posseiros, os jagunços, os bandoleiros, os criminosos e assassinos – mas também contra os fortes, os corajosos, os temidos, os respeitados, os afamados, os radicais, os “ligeiros no parabelo” – Joaquim acaba lhes dando visibilidade, existência e sentido de atuação no *sertão* paranaense. Na história de Joaquim a região não é imóvel, não está vazia, não é pacífica. As memórias que traz é que buscam imobilizar o tempo, pacificá-lo, por meio da edificação literária.

Como destacado no início do texto, a região deve ser entendida como uma invenção humana pela qual diferentes atores buscam ordenar a natureza mas, também, impor, por meio de operações de significação, identidades e naturalizá-las. A região configurada por Joaquim Alves da Silva em sua obra possibilita a revisão crítica da história, em especial da história oficial, focada em perspectivas que valorizam o progresso e o desenvolvimento econômico, elegendo os imigrantes como figuras chave do processo. Eles são os pioneiros laboriosos. Antes deles não existia civilização, o que predominava era o abandono, a barbárie, a criminalidade, tudo isso identificado pela presença e atuação dos jagunços, a exemplo do nordeste brasileiro que Joaquim usa como comparativo. Na obra, a prosperidade de Cascavel só se tornou possível graças à ação da Polícia Militar na dizimação do mal maior presente no espaço, o jaguncismo.

A leitura crítica da fonte mostrou as potencialidades desta enquanto versão que ajuda a revelar o contraditório da história da colonização dirigida em diferentes partes do oeste do Paraná. Contribui – mesmo sem objetivar – para que se possa problematizar as visões que naturalizaram a região enquanto um ambiente harmônico, sem conflitos fundiários, de ocupação pacífica, sem a presença dos jagunços. No entanto, como já destacado, seus limites também devem ser considerados. Representa a visão de um policial militar revelando e justificando suas ações como civilizatórias. Como já dito, Joaquim escreve e publica sua obra num momento em que o militares estão no poder no Brasil. A preocupação do narrador, neste contexto, foi evidenciar os conflitos e os confrontos marcantes na região a partir do sucesso e legitimidade da ação da Polícia Militar. Dá visibilidade ao combate “patriótico” promovido pela polícia do Paraná contra o banditismo e seus protagonistas. Os conflitos são estrategicamente controlados e dizimados a partir de ações racionais e legais, porque de interesse do Estado.

Desde a introdução à obra, passando pelo seu conteúdo épico e chegando ao seu desfecho com o “final feliz” para a polícia e, conseqüentemente, para a “boa sociedade”, a impressão que o soldado e poeta Joaquim passa é o da busca pelo reconhecimento público, quiçá uma progressão na carreira militar. Neste ponto, ainda se torna necessário refletir com mais densidade sobre o ex-militar no sentido de desnaturalizar suas memórias em forma de poemas. Ao valorizar o papel dos militares no contexto, como supostos heróis, esquece-se de que um número significativo de policiais militares aproximaram-se dos jagunços das companhias colonizadoras, fazendeiros e grileiros, para expulsar e matar colonos e posseiros tidos como intrusos. Os poemas de Silva, portanto, constituem-se em fragmentos de memórias selecionadas e carregadas de intencionalidades.

Importante registrar que o intento literário de Joaquim Alves da Silva não se limitou a esta obra. Nos dados bibliográficos indica-se mais três produções de sua autoria, mas que ainda não foram localizadas: *Marechal Candido Rondon e seus pioneiros*; *Jagunços, polícia e posseiros em Cascavel*; e, *Personagens de minha terra: história do Brasil em versos*. Acredita-se, a exemplo do poema analisado neste artigo, que o trabalho de crítica histórica destas obras pode oportunizar a realização de novos estudos e problematizações em torno da história dos litígios agrários no oeste do Paraná, instigando revisões historiográficas na contemporaneidade.

Referências

Fontes

Documentos Impressos

PINHO & TERRAS LTDA. *Relatório do Plano de Colonização da Pinho e Terras Ltda.* (Período 1946-1960). [S. d. t.].

Legislação

BRASIL. Decreto n.º 75.085, de 12 de dezembro de 1974.

Obras Completas

SILVA, Joaquim Alves da. *Como era o sudoeste e porque matei Joaquim Coelho*. Pelotina, PR: J. S. Impressora Ltda. Tipografia e Offset, 1976.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. *Fronteiras*, Dourados (MS), v. 10, n. 17, p. 55-67, jan.-jun. 2008.

ANDRADE, Franciele Margarida Bard. *A luta pela terra a partir de narrativas de trabalhadores: os posseiros e a revolta da Gleba Silva Jardim-Pr. (1961)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon (PR).

ARAÚJO, Danielle Regina Wobeto de; PEREIRA, Luís Fernando Lopes. Notas arquivísticas sobre a revolta dos posseiros (1957). *Tempos Históricos*, v. 23, 1.º sem. 2019.

BORITZA, Rita. *Assis Chateaubriand: história e memória*. 2008. Caderno Temático - Produção didático-pedagógica (Aperfeiçoamento em Educação) – Programa de Desenvolvimento Educacional, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon (PR).

BRETAS, Marcos Luiz; ROSEMBERG, André. A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, jan.-jul. 2013.

BROCARDI, Daniele. *Memórias sobre a ação de madeireiras: o processo de extração da floresta no município de Cascavel//Pr.* 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel (PR).

BRÜNE, Sabrina. Conflitos agrários no Oeste paranaense: o município de Palotina e suas terras litigiosas (1956-1976). *Anais do [...] 6º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais*. Toledo, PR: Unioeste, 2014.

COLODEL, José Augusto. *Obrages & Companhias colonizadoras: Santa Helena na História do Oeste Paranaense até 1960*. Santa Helena, PR: Prefeitura Municipal, 1988.

COLOMBO, Leonir Olderic. *Memória: documentos sobre a revolta de 61*. Capanema, PR: IGAL, 2001.

- CORDEIRO, Anselmo. *Ninho de cobras*. Cascavel, PR: Independente, 1986.
- CRESTANI, Leandro de Araújo. *Conflitos agrários e mercado de terras nas fronteiras do oeste do Paraná (1843/1960)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo (PR).
- FERRERAS, Norberto O. *Bandoleiros, cangaceiros e matreiros: revisão da historiografia sobre o Banditismo Social na América Latina. História (São Paulo)*, Franca (SP), v. 22, n. 2, 2013.
- FREITAG, Liliâne da C. *Extremo-oeste paranaense: história territorial, região, identidade e (re) ocupação*. 2007. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Franca (SP).
- GOMES, Iria Zanoni. *1957: A Revolta dos Posseiros*. Curitiba: Criar, 1986.
- GONÇALVES, José Henrique Rollo. *História Regional & Ideologias: em torno de algumas corografias políticas do norte paranaense - 1930/1980*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel, PR: Edunioeste, 2002.
- HOBSBAWM, Eric. *Bandidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- LANGARO, J. F. *Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do oeste do Paraná*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (SP).
- MYSKIW, Antonio Marcos. *Colonos, posseiros e grileiros: conflitos de terra no Oeste paranaense (1961-66)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação Interinstitucional em História, Universidade Federal Fluminense e Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Niterói (RJ).
- KOLING, Paulo José. *A revolta de 1957 no sudoeste do Paraná: a luta pela terra entre memórias e comemorações*. Guarapuava, PR: Ed. Unicentro, 2018.
- PIAIA, Vander. *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*. Cascavel, PR: Edunioeste, 2013.
- PRIORI, Angelo et al. *A revolta camponesa de Porecatu*. In: *História do Paraná: séculos XIX e XX*. Maringá, PR: Eduem, 2012.
- REGINATO, Pe. Pedro. *História de Palotina 1954-1979*. Santa Maria, PR: Pallotti, 1979.
- SCHNEIDER, Clárcio Ivan. *Os senhores da terra: produção de consensos na fronteira (Oeste do Paraná 1940-1960)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.
- SILVA, Gabriela Thais da. *Palotina: colonização, vivências e expectativa dos colonos envolvendo os conflitos por terras (1954-1979)*. *Anais do [...] XV Encontro de História da UFPR*. Curitiba: UFPR, 2016.
- SILVA, Tatiane Karine Matos da. *Conflitos pela terra na Gleba Ponte Queimada: experiências de disputas por terras em narrativas (1960-1972)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon (PR).
- TURCHI, Maria Zaíra. *Jagunço e jaguncismo: história e mito no sertão brasileiro*. *O público e o privado*, Fortaleza, n. 7, jan.-jun. 2006.